



RESPEITO E VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS, CONSTRUINDO A CULTURA DE PAZ UMA PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Adriana Gutierrez Maffei (adriana.maffei@wlasan.edu.br)
Fabiana Souza Reis Golombieski (fabiana.golombieski@wlasan.edu.br)
Jéssica Aparecida Santos de Camargo (jessica.camargo@wlasan.edu.br)
Juliana Campana Aragão (juliana.aragao@wlasan.edu.br)
Lorena Santos Bueno (lorena.bueno@wlasan.edu.br)

INTRODUÇÃO

De acordo com a UNESCO, a cultura de Paz “está intrinsecamente relacionada à prevenção e à resolução não-violenta de conflitos” e fundamenta-se nos princípios de tolerância, solidariedade, respeito à vida, aos direitos individuais e ao pluralismo.

Este Artigo tem como objetivo apresentar um estudo teórico reflexivo do contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), baseado em diversos autores – Benicá (1982), Cavalieri (2005), Freire (1987), Freire (1989), Freire (1992), Freire (1997), Arroyo (2005), Soek (2012), Gadotti (2019), Lerner (2002), Meirelles; Yasbek (2014), Souza (2007), Souza (2011), e Silva e Vasconcelos (2019) –, na realização e elaboração de um projeto para aplicação em uma turma da EJA, abordando a Cultura de Paz, o respeito e a valorização das diferenças, sem preconceitos.

Entendemos que a construção da Cultura de Paz, poderá se concretizar como emergência de ações, como uma forma de ser e de viver, que inclua o outro, com genuidade e respeito entre ambos. Percebemos que o preconceito é recorrente de vários fatores que difere o sujeito do coletivo.

O uso do diálogo e a troca de conhecimento com os alunos é de extrema importância. Segundo Silva e Vasconcelos (2019) a roda de conversa, é uma estratégia didático-pedagógica e investigativa, que abre caminhos para o conhecimento de características e vivências de cada aluno, possibilitando ações de diálogos e discussões com manifestações de expressão.

Este Artigo, além de fazer uma reflexão sobre o tema desenvolvido com os alunos



da EJA e propor sequência didática, é também um estudo pessoal como futuras professoras, com intuito de envolver os leitores através de teorias reflexivas dentro do contexto da escola Professora Mertila Larcher de Moraes, propondo um projeto, estruturado em uma sequência didática que integra diversas áreas do conhecimento, que possibilita aos alunos refletirem sobre seus conceitos e atitudes e, assim, possam conviver com as diferenças de uma forma respeitosa com todos os indivíduos.

Precisamos respeitar todos os indivíduos, independente das diferenças, assim como fala no poema “*Diversidade*”, de Bráulio Bessa (2017):

*Seja menos preconceito, seja mais amor no peito
Seja amor, seja muito amor.
E se mesmo assim for difícil ser
Não precisa ser perfeito
Se não der pra ser amor, seja pelo menos respeito.
Há quem nasceu pra julgar
E há quem nasceu pra amar
E é tão difícil entender em qual lado a gente está
E o lado certo é amar!
Amar para respeitar
Amar para tolerar
Amar para compreender,
Que ninguém tem o dever de ser igual a você!
O amor meu povo,
O amor é a própria cura, remédio pra qualquer mal.
Cura o amado e quem ama
O diferente e o igual
Talvez seja essa a verdade
Que é pela anormalidade que todo amor é normal.
Não é estranho ser negro, estranho é ser racista.
Não é estranho ser pobre, estranho é ser elitista.
O índio não é estranho, estranho é o desmatamento.
Estranho é ser rico em grana, e pobre de sentimento.
Não é estranho ser gay, estranho é ser homofóbico.
Nem meu sotaque é estranho, estranho é ser xenofóbico.
Meu corpo não é estranho, estranha é a escravidão,
que aprisiona seus olhos nas grades de um padrão.
Minha fé não é estranha, estranha é a acusação,
que acusa inclusive quem não tem religião.*

O respeito é um dos valores mais importantes para o convívio em sociedade. O poema expressa a diversidade como algo que se difere na interação social. “O índio não é estranho, estranho é o desmatamento”. Vindo de uma naturalidade e de uma aceitação do interior do indivíduo, o fato não é ser um índio e ter costumes diferentes que se impõe como “estranho”, e sim o que as pessoas diferentes deles fizeram com as informações



que tinham sobre, no caso o “desmatamento”. A diversidade é quase sempre acompanhada com um apontamento negativo aos costumes e as diferenças. Somente por esse fato.

As histórias e vivências dos alunos da EJA são de extrema importância para que eles sintam-se pertencentes à sociedade, construindo uma relação de respeito e confiança entre os alunos e o professor.

O projeto, *Respeito e Valorização das Diferenças*, a ser desenvolvido com alunos da EJA, se dá a partir da necessidade de olharmos para a nossa diversidade cultural dentro e fora da sala de aula. A intenção da sequência didática e todas as etapas metodológicas propostas neste projeto para uma turma de alunos da EJA, tem como finalidade possibilitar que alunos conheçam, reconheçam, valorizem e respeitem as diferenças, levá-los a refletir sobre a importância do respeito às diferentes culturas e aos contextos sociais, participando de uma educação voltada para diminuir o preconceito e as diferenças sociais que persistem fortemente em nossa realidade e em nossa sociedade. O conjunto de atividades pedagógicas, que compõem a sequência didática que estrutura o projeto, foi pensada justamente no contexto dos alunos para que assim a aprendizagem seja de fato significativa. Como diz Benicá,

pode-se afirmar que a Prática Pedagógica não pode se esquecer a realidade concreta da escola e os determinantes sociais que a rodeiam. Assim, a teoria e prática, professor/aluno, conteúdo e forma não existem isolados, mas encontram-se numa relação mútua (BENICÁ, 1982, p. 67).

Sendo assim, trabalhar com os aspectos relacionados à diversidade dentro do contexto da EJA, levando em consideração o contexto dos alunos, suas histórias, vivências, é de extrema importância para que eles se sintam pertencentes à sociedade. Isso pode favorecer a construção de uma relação de respeito e confiança entre os alunos e professor. Com as atividades propostas e o círculo restaurativo desejamos que os alunos consigam conquistar sua independência e autoestima.

Identificamos que os alunos que frequentam a EJA apresentam significativa diversidade cultural e são unidos pelo mesmo objetivo, que é a superação. Entendemos que essa diversidade cultural é extremamente importante para nossa formação como sujeitos.



Segundo os PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais), de Diversidade Cultural:

Ao valorizar as diversas culturas presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua autoestima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que lhe poderiam ser prejudiciais. Por meio de convívio escolar, possibilita conhecimentos e vivências que cooperam para que se apure sua percepção de injustiças e manifestações de preconceito e discriminação que recaiam sobre si mesmo, ou que venha a testemunhar – e para que desenvolva atitudes de repúdio a essas práticas (MEC, 1997, p. 23).

A escola precisa ser um ambiente propício à aprendizagem entre os alunos, pois, é um espaço público com regras e deveres e, assim, permite a convivência, em igualdade, dos diferentes. É importante que o professor seja a “ponte”, o mediador para trabalhar considerando a diversidade cultural. Exige que a escola persista em uma “Cultura de Paz”, baseada na tolerância, no respeito aos direitos humanos e trabalhe a noção de cidadania compartilhada por todos os indivíduos. O aprendizado não acontece por meio de discursos e teorias, mas na prática, num cotidiano em que uns não sejam “mais diferentes” do que os outros.

UM RECORTE HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL

Na época do regime militar, surge um movimento de alfabetização de jovens e adultos, na tentativa de erradicar o analfabetismo, chamado MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), criado pela Lei nº 5.379, em 15 de dezembro de 1967. Esse programa tinha como foco o ato de ler e escrever, essa metodologia assemelha-se à de Paulo Freire (1989) com codificações, cartazes com famílias silábicas, quadros, fichas, porém, não utilizava o diálogo como a de Freire e não se preocupava com a formação crítica dos educandos.

No projeto MOBRAL a proposta de educação era toda baseada nos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos Programas.

Durante muitos anos as escolas noturnas eram a única forma de alfabetizá-los após



um dia árduo de serviço. Muitas dessas escolas, na verdade, eram grupos informais, onde poucos que já dominavam o ato de ler e escrever o transferia a outros. No começo do século XX com o desenvolvimento industrial é possível perceber uma lenta valorização da EJA.

O processo de industrialização gerou a necessidade de mão de obra especializada. Nesta época criou-se escolas para capacitar os jovens e adultos. Por causa das indústrias, nos centros urbanos, a população da zona rural migrou na expectativa de melhor qualidade de vida. Ao chegar nos centros urbanos surgiu a necessidade de alfabetizar os trabalhadores e isso contribuiu para a criação destas escolas para adultos e jovens.

A necessidade de aumentar a base eleitoral favoreceu o aumento das escolas da EJA, pois o voto era apenas para homens alfabetizados.

Na década de 40 o governo lançou a primeira campanha de educação de adultos, tal campanha propunha alfabetizar os analfabetos em três meses; dentre educadores, políticos e sociedade em geral, houve muitas críticas e também elogios. O que é nítido é que, com esta campanha, a EJA passou a ter uma estrutura mínima de atendimento.

Um dos precursores em favor da alfabetização de jovens e adultos foi Paulo Freire (1987), que sempre lutou pelo fim da educação elitista.

Freire (1987) tinha como objetivo uma educação democrática e libertadora, partindo da realidade, da vivência dos educandos. Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente.

O método Paulo Freire (1989) pretende superar a dicotomia entre teoria e prática, no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo-se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que, até então, detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra.

Com o fim desta primeira campanha, Freire (1997) foi o responsável em organizar e desenvolver um programa nacional de alfabetização de adultos, porém com o golpe militar o trabalho de Freire foi visto como ameaça ao regime, assim a EJA volta a ser controlada pelo governo que cria o MOBREAL conforme foi citado anteriormente.

O ensino supletivo foi implantado com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB



nº 5.692/71. Nesta Lei um capítulo foi dedicado especificamente para a EJA. Em 1974 o MEC propôs a implantação dos CES (Centros de Estudos Supletivos), tais centros tinham influências tecnicistas devido à situação política do país naquele momento.

Em 1985, o MOBREAL findou-se dando lugar à Fundação EDUCAR que apoiava técnica e financeiramente as iniciativas de alfabetização existentes. Nos anos 80 difundiram-se várias pesquisas sobre a língua escrita, que de certa forma refletiam na EJA.

Com a promulgação da Constituição de 1988 o Estado amplia o seu dever com a Educação de Jovens e Adultos. De acordo com o Artigo 208:

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

Na década de 90 emergiram iniciativas em favor da Educação de Jovens e Adultos. O governo incumbiu também os municípios a se engajarem nesta política. Ocorrem parcerias entre ONG's, municípios, universidades, grupos informais, populares, Fóruns estaduais, nacionais e através dos Fóruns a partir de 1997 a história da EJA começa a ser registrada no intitulado “Boletim da Ação Educativa”.

Posteriormente, a Constituição de 1988 veio ampliar o dever do estado para com todos aqueles que não têm escolaridade básica, independente de idade, colocou a Educação de Jovens e Adultos no mesmo patamar da Educação Infantil, reconhecendo que a sociedade foi incapaz de garantir escola básica para todos na idade adequada.

Destinou ainda 50% dos recursos para fazer frente ao analfabetismo e universalizar o Ensino Fundamental, embora o ideal esteja longe.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, vem embasar e fundamentar a importância de transformar Educação de Jovens e Adultos numa ferramenta necessária para resgatar a autoestima daqueles que, por motivos adversos, não continuaram seus estudos. A Lei nº 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 reafirma o direito de jovens e adultos à educação escolar e ao ensino noturno regular,



com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola (Incisos VI e VII do Artigo 4º da Constituição Federal).

CONTEXTO DOS PROFESSORES DA EJA

A formação de professores para a EJA é essencial para que haja uma educação de qualidade, pois somente desta maneira o educador será capaz de elaborar didáticas que resultem bons desempenhos em sala de aula, garantindo a permanência desses alunos na escola. Mostrando a importância de continuar seus estudos, a fim de que se tornem cidadãos críticos e reflexivos, sem deixar de considerar os conhecimentos e as habilidades que esses sujeitos dispõem, mesmo que adquiridos de modo informal, em suas experiências acumuladas, cotidianamente, na comunidade onde vivem e nos espaços de trabalho, e assim interagir de forma participativa na sociedade.

O papel como professora da EJA visa levar em conta o repertório dos alunos com o apoio de toda equipe pedagógica, a qual pode proporcionar um suporte que contribua para o fortalecimento da autoimagem positiva desses sujeitos, que por tantas vezes se sentem desvalorizados.

Um outro fator importante é a qualificação dos professores, pois uma equipe docente bem preparada com uma formação continuada é de extrema importância para que todos tenham de repensar suas práticas e, assim, melhorar o ensino dentro do contexto educacional.

“Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática” (FREIRE, 1997, p. 58).

Quando a reflexão permear a prática docente, a formação continuada será exigência para fazer do professor um ser atuante no seu espaço histórico, crescendo no saber e na responsabilidade.

Não é desprezar o saber acadêmico convencional, mas sim de complementá-lo com reflexões, pesquisas e novas aprendizagens através da formação continuada.



CONTEXTO DOS ALUNOS DA EJA

O currículo para a EJA no Ensino Médio utiliza como referência a Base Nacional Curricular Comum (2018), que deve ser complementada por uma parte que atende a diversidade dos estudantes.

Muitas vezes as pessoas que se formam nessa modalidade de educação são vítimas de diversas espécies de preconceito. É importante lembrar que a maioria das pessoas que frequenta a EJA é comprometida com a aprendizagem e entende a importância da educação, portanto está lá porque deseja e/ou precisa.

Geralmente, as pessoas que se formam nessa modalidade de educação, assim como as formadas pelo Ensino Regular, podem apresentar desempenho satisfatório no mercado de trabalho, assim como na continuidade dos estudos, inclusive no Ensino Superior.

A Educação para Jovens e Adultos é uma forma de ensino da rede pública no Brasil, com o objetivo de desenvolver o Ensino Fundamental e Médio com qualidade, para pessoas que não possuem idade escolar e oportunidade, assegurados pela LDB nº 9.394/96, que estabeleceu no capítulo II, seção V a Educação de Jovens e Adultos. “A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria”.

Essa definição da EJA, nos esclarece o potencial de Educação Inclusiva e Compensatória que essa modalidade de ensino possui. Os alunos da EJA são trabalhadores, empregados e desempregados que não tiveram acesso à cultura letrada.

A defasagem escolar é grande segundo a Lei nº 9.394/96, Artigo 37: “a Educação de Jovens e Adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a Educação Profissional, na forma do regulamento”, desta forma teríamos muito mais jovens dentro das escolas, em busca de qualificação, domínio das novas tecnologias e oportunidades para ingresso no mercado de trabalho.

Arroyo (2005) traz que os sujeitos que compõem a EJA são “jovens e adultos com rostos, com histórias, com cor, com trajetórias sócio-étnico-racial, do campo e da periferia” (p. 22). Dessa forma a escola precisa atuar como espaço de reflexões, com ações acessíveis ao conhecimento, respeitando as diversidades e oferecendo oportunidades



múltiplas de desenvolvimento consoante as capacidades e individualidades.

A educação é o maior e melhor instrumento gestor de mudança, através dela o homem consegue compreender melhor a si mesmo e ao mundo em que vive, dessa forma, a própria educação deve ser a primeira a aceitar e acompanhar o desenvolvimento e suas especificidades, renovando e promovendo interação com o novo. Souza, afirma que:

Numa concepção instrumental de educação, a preocupação central é que o aluno domine os conhecimentos escolares tradicionais. Na concepção dialógica, a preocupação central é que o aluno possa trabalhar com os conhecimentos que tenham significado sociocultural, e dessa lógica os conteúdos emergirão do mundo cotidiano e ganharão complexidade à medida que forem debatidos no grupo. A educação e a alfabetização constituem, portanto, o ato de conhecimento que emancipa e que motiva para realização de ações modificadoras do meio (SOUZA, 2011, p. 117).

Vemos que o ensino precisa contextualizar com a realidade dos educandos. Sendo assim, as aprendizagens precisam estar adaptadas ao contexto, e valorizando o contexto, para que assim seja significativa e faça sentido no dia a dia desses alunos podendo modificar o meio em que vivem, colocando seus conhecimentos em prática.

CULTURA DE PAZ, EM BUSCA DE RESPEITO E VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS

Para desenvolver a Cultura de Paz a gestão precisa ter elementos que possa contribuir para compreensão da realidade social em que a instituição está inserida.

Para tanto precisamos acreditar numa pedagogia voltada para paz em que se permita uma solução não violenta dos conflitos humanos.

O diálogo com o outro a aceitação do outro é fundamental se entendemos que o conflito é inerente ao ser humano. Esses conflitos precisam ser mediados pela paz.

Segundo a UNESCO:

A Cultura de Paz está intrinsecamente relacionada à prevenção e à resolução não violenta dos conflitos. É uma cultura baseada em tolerância e solidariedade, uma cultura que respeita todos os direitos individuais, que assegura e sustenta a liberdade de opinião e que se empenha em prevenir conflitos, resolvendo-os em suas fontes, (...)



A Cultura de Paz procura resolver os problemas por meio do diálogo, da negociação e da mediação, de forma a tornar a guerra e a violência inviáveis (UNESCO, 2010).

Perceber que a maneira que os conflitos são resolvidos determinam as possibilidades da paz ou violência, uma vez que o diálogo sozinho não exclui o conflito, que ele é inerente ao ser. Precisamos saber usá-lo como recurso pedagógico rumo à produção e reconstrução do saber. Num contexto mundial marcado por tantos conflitos e violência faz-se necessário uma postura pedagógica que comungue com a paz social.

Em Educação para a Paz, o pressuposto da dialogicidade é fundamental, assim como a consciência do inacabamento e, com isso, a história aberta para construção, argumentos presentes na Teoria Freiriana. Nessa aproximação, encontramos aspectos muito especiais da história de Paulo Freire (1992) que reforçam a relevância dele como um Educador para a Paz.

A Pedagogia Freireana traz aspectos necessários entre utopia e possibilidades concretas, na medida em que coloca homens e mulheres como protagonistas na construção de suas próprias histórias e, assim, da história coletiva. Isso nos faz acreditar que uma Cultura de Paz e, ainda, uma Educação para a Paz sejam questões viáveis de construção no cotidiano e nos processos educacionais.

Para Paulo Freire,

a Paz não é um dado, um fato intrinsecamente humano comum a todos os povos, de quaisquer culturas. Precisamos desde a mais tenra idade formar as crianças na “Cultura de Paz”, que necessita desvelar e não esconder, com criticidade ética, as práticas sociais injustas, incentivando a colaboração, a tolerância com o diferente, o espírito de justiça e da solidariedade (FREIRE, 1992).

Paulo Freire (1992) leva-nos a compreender que a paz não é uma condição natural, assim como não é a violência, ambas são processuais e construídas. Sendo assim, parece aceitável que se explicita um corpo de conhecimento que pense a paz, na educação e na formação de professores, como um conjunto de saberes, práticas e experiências passíveis de reflexão, análise e sistematização.

A paz conduz à reflexão e favorece o bem-estar direcionando os indivíduos a um mundo melhor em uma caminhada de vida solidária e tolerância entre os sujeitos. A paz



proporciona o cuidado com o outro e trabalhando a Cultura de Paz na EJA favorece ao sujeito a condição de modificar e criar situações e realizar atividades que o levam a reconhecer o seu pertencimento ao meio em que vive.

Na EJA uma reflexão sobre a paz pode ser construída e vivenciada na medida em que os sujeitos são desafiados a buscar um mundo com justiça social e respeito aos direitos humanos, comprometendo-se com a intervenção crítica e emancipatória.

Além disso, a paz na educação tem a ver com as expressões produzidas e criadas pelo sujeito, uma paz que direcione o sujeito para uma vida melhor com o reconhecimento de que é preciso lutar para contribuir com as mudanças que a sociedade necessita.

A ESCOLA PROFESSORA MERTILA LARCHER DE MORAES, CONTEXTO PARA ESTRUTURAÇÃO DO PROJETO “RESPEITO E VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS – CAMINHO PARA A CULTURA DE PAZ”

Realizamos uma visita na escola de CEEJA, Professora Mertila Larcher de Moraes, localizada na cidade de Votorantim/SP a fim de conhecer os espaços em que são realizadas as aulas, biblioteca, sala da coordenação, espaços comuns. E tivemos a oportunidade de ter uma conversa com o coordenador da escola, que nos mostrou alguns aspectos como a história da escola, o perfil dos professores e estudantes e projetos realizados.

Durante a visita observamos que na entrada possui acessibilidade através de rampa de acesso e catraca para o controle de entrada e saída dos alunos. Logo na entrada da escola, possui uma recepção/administração e um espaço em comum com um painel onde colocam assuntos do cotidiano.

Conversamos com o coordenador da escola, que nos mostrou através de *slides* a história da escola, o perfil dos alunos, o perfil dos profissionais, alguns depoimentos de alunos, apresentou projetos da instituição e o formato do funcionamento das aulas.

Após a conversa conhecemos os ambientes de estudo da instituição uma sala para Matemática, uma para Ciências da Natureza (Biologia, Física, Química e Ciências), para Ciências Humanas (História, Geografia, Filosofia e Sociologia), e para Linguagens e Códigos (Arte, Inglês e Língua Portuguesa).



Nas salas ficam professores orientadores, os alunos podem agendar o melhor horário para ser atendido das 7h40 às 21h.

O CEEJA oferece cursos dos Ensinos Fundamental (Anos Finais) e Médio voltado aos alunos maiores de 18 anos que queiram voltar a estudar. Seu público alvo tem uma porcentagem maior para o sexo masculino a qual 56,5% são homens entre as idades de 18 a 50 anos, sendo 73% entre 18 e 29 anos a maioria trabalhadores, adultos, com experiência profissional ou com expectativa de inserção no mercado de trabalho.

Na maioria dos casos são pessoas desempregadas ou do lar, divididos em parcela de 52,2% para a conclusão dos estudos, 24,3% realização pessoal e 20,9% trabalho. Alguns projetos apresentados como: Alfabetramento, Educação Financeira, Libras, Produção de Texto e Sustentabilidade. O coordenador, em sua apresentação, cita a Andragogia que é “a arte e a ciência de orientar o adulto a aprender”.

Os adultos aprendem a partir de suas necessidades, a motivação para estas pessoas é a transformação em aprendizagem experimentando a aprendizagem em tarefas comuns do dia a dia ao invés de memorização.

O aprendizado é como uma resolução de problema com a perspectiva de aplicação da aprendizagem e as possibilidades de descobrir as coisas por si (autonomia).

O CEEJA de Votorantim conta com materiais pedagógicos para alfabetização, além de sala multimídia e salas de recurso. Alunos com deficiência auditiva também são atendidos com intérprete de libras. Hoje são 20 alunos atendidos.

A metodologia desenvolvida na escola tem por base o ensino individualizado, com acompanhamento de um professor orientador, adequado ao ritmo de aprendizagem do aluno, podendo também eliminar matérias.

Cabe aqui destacar que a EJA na instituição disponibiliza a presença flexível, o aluno escolhe os dias da semana e horários que ele pode frequentar a escola de acordo com o horário de atendimento para que os jovens, adultos e idosos possam frequentar as aulas sem prejuízo, pois sabemos que a maioria tem uma carga horária de trabalho. A instituição tem atendimento individualizado o aluno leva o material a ser estudado para casa retorna à escola para orientação de estudos tendo uma professora a sua disposição para sanar possíveis dúvidas, a realização da avaliação também, é agendada de acordo com a disponibilidade do aluno e da instituição. O aluno estuda uma disciplina de cada



vez, até o término do curso, fundamental e médio. Alguns projetos fazem parte da instituição e foram apresentados como: Alfaetramento, Educação Financeira, Libras, Produção de Texto e Sustentabilidade. Pensando em Libras, a escola oferece uma biblioteca para alunos de Libras.

A escola conta também com uma biblioteca/espço multimídia a qual possui um acervo de livros, computadores e mesas para estudo e uma biblioteca para alunos de Libras. Na sala da biblioteca/multimídia é possível consultar e emprestar livros e ter acesso a internet, vídeo aulas e sugestões de vídeos a serem assistidos e sempre que o aluno precisar têm um professor orientador.

A sala de avaliação é utilizada especificamente para avaliações. Como o curso é por fases os alunos veem todo conteúdo mas tem a oportunidade de eliminação de matéria.

ENSINO MÉDIO, ÚLTIMA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Nosso projeto está estruturado para desenvolver com alunos do Ensino Médio da EJA na escola Professora Mertila Larcher de Moraes.

A Prática Pedagógica da EJA só é bem fundamentada quando supera os modismos políticos e realiza uma de suas principais funções que é a inclusão social.

Segundo Soek (2012, p. 39-40) as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2000, p. 18), formuladas pelo MEC, é preciso equidades de direitos e oportunidades. Nos apresenta as três funções da educação da EJA:

- ✓ Função Reparadora: Que se dá ao direito a uma escola de qualidade e ao reconhecimento da igualdade de todo e qualquer ser humano ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante.
- ✓ Função Equalizadora: Poder de igualdade e oportunidades que possibilita oferecer aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho e na sociedade. Podemos relacionar também com a equidade tendo em vista maior igualdade, olhando as situações específicas de cada indivíduo.
- ✓ Função Qualificadora: Educação permanente, pensando que o ser humano é incompleto e tem o potencial de adequação e evolução. Mais do que uma função



esse é o verdadeiro sentido da EJA.

Pensamos que é de extrema importância trabalhar a Diversidade Cultural com alunos da EJA, pois, segundo o documento do MEC:

Nas cidades, as escolas para jovens e adultos recebem alunos e alunas com traços de vida, origens, idades, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamento completamente variados. A cada realidade corresponde um tipo de aluno e não poderia ser de outra forma, são pessoas que vivem no mundo adulto do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos (BRASIL, 2013, p. 4).

Olhando o contexto dos alunos da EJA podemos concluir a grande diversidade cultural desses alunos e as experiências trazidas na bagagem de cada um. Grande parte do público são alunos que estavam em atraso na etapa escolar ou evadiram do Ensino Regular.

O PROJETO ESTRUTURADO

De acordo com Cavalieri (2005), “Um projeto é um empreendimento único, com início e fim determinados, que utiliza recursos e é conduzido por pessoas, visando atingir objetivos predefinidos”. O projeto estruturado é um método de ensino no qual se apoia em etapas, visando o envolvimento dos estudantes com sua realidade, exemplos e contextos significativos para eles. Trabalhar com características valorizadas na sociedade atual, trabalhando assim a autonomia, organização e criatividade. Pode ser um componente curricular específico ou paralelo. Planejar dessa forma ajuda a pensar o progresso dos alunos e favorece a retomada consciente de conteúdos durante a vida escolar.

O planejamento foi construído, pensando na realidade dos alunos, marcando quatro encontros presenciais, com duração de duas horas cada. No primeiro encontro, a elaboração da sequência didática tem como objetivo agregar os alunos e as participantes do projeto. Através da dinâmica da teia os alunos irão apresentar características pessoais e seus *hobbies*, aproximando-os em suas particularidades.

Após a dinâmica, os alunos responderão uma questão, em que podemos observar



os conhecimentos prévios sobre a diversidade cultural. Segundo Feijó (2016), “Os conhecimentos prévios advêm das relações que o sujeito estabelece ao longo da vida, de acordo com o seu meio social e cultural”. Ou seja, os alunos irão transmitir os conhecimentos através de seu contexto e experiências.

No segundo momento, os alunos terão a oportunidade de reunir concepções de conhecimento de mundo dos alunos ali presentes sobre a diversidade, em uma discussão em roda na sala, após passar aos alunos um longa metragem, uma história invertida da realidade brasileira, onde os negros são a classe dominante e os brancos são os dominados, para assim refletirem sobre a rejeição que a criança sentiu, a empatia. A roda de conversa, traz a uma aprendizagem significativa e se mostra como uma estratégia libertadora, proporcionando uma visão diversificada sobre o tema abordado.

Após essa reflexão, os alunos escreverão uma carta a si mesmo: “*Querido eu do futuro*”. A escrita dessa carta está permeada de uma transmissão de sentimentos e vivências do aluno resgatando as experiências e desejos para o futuro. Com isso, o aluno irá desenvolver a escrita percebendo o sentido da mesma.

Em um terceiro momento, os alunos executarão uma pesquisa, com o auxílio da sala de informática, realizada em quatro grupos, com os temas Variação Linguística, Culturas, Contexto Social e Tradições. Após, as pesquisas, cada grupo terá até dez minutos para apresentar suas concepções. Dessa forma, os alunos poderão obter troca de saberes, experiências e descobertas.

Na finalização do projeto, seria proporcionado um momento de reflexão através do círculo restaurativo. Com o apoio do facilitador e um objeto de fala, os alunos irão retratar assuntos sobre a vida de pessoal, o processo de como chegaram até a escola da EJA e o que esperam para o futuro.

Esses encontros caracterizam-se pelo formato convencional circular, onde as partes diretamente envolvidas no ato ofensivo, seus parentes, suportes e representantes da comunidade sentam-se em círculo propiciando oportunidade equivalente de voz a todos os presentes (MEIRELLES; YASBEK, 2014, p. 111).

O método de mediação resulta em encontros de diversas pessoas em posição de contribuir para reduzir a probabilidade de conflito internos e externos e que seus efeitos venham a continuar. Trazendo uma reflexão a favor da empatia, bem-estar e tolerância



para um mundo melhor.

A Base Nacional Comum Curricular (2019) tem como objetivo “sinalizar percursos de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes ao longo da Educação Básica” (MEC, 2019, p. 7), como uma ferramenta para garantia do direito à educação. O documento descreve um conjunto de garantias que podem ser tomadas tanto como metas quanto como parâmetros contextuais orientadores para os trabalhadores da educação, seja no nível da gestão ou nas salas de aula. Mais do que uma lista de conteúdos, a base é uma referência para o desenvolvimento de habilidades ou capacidades que garantam elementos de formação fundamentais a cidadania e a vida em sociedade.

A promoção dos direitos humanos é um desafio para as políticas sociais em todo o mundo. Em sociedades desiguais, a garantia de um conjunto de direitos para todas as pessoas pode ficar comprometida mesmo havendo pactos públicos para a sua proteção.

Segundo Lerner (2002) os projetos além de oferecer, contextos nos quais a leitura ganha sentido e aparece como uma atividade complexa cujos diversos aspectos se articulam ao se orientar para a realização de um propósito – permitem uma organização muito flexível do tempo: segundo o objetivo que se persiga, um projeto pode ocupar somente uns dias, ou se desenvolver ao longo de vários meses.

Observamos que o projeto didático é uma das modalidades organizativas das atividades, que tem a característica de construir um fio condutor ao longo do tempo. Possui um propósito claro, objetivo e organizado, articulando propósitos didáticos e propósitos sociais para a construção do conhecimento com sentido e profundidade.

A sequência didática tem como objetivo estabelecer uma interface da diversidade cultural voltada para o preconceito, ressaltando a necessidade da construção do sujeito na busca pela justiça social, através de experiências, trocas de ideias e a busca de soluções e pela compreensão e reflexão sobre a importância do respeito à diversidade cultural e seu contexto social.

Para Freire (1987) a paz se constrói quando o sujeito caminha numa busca incessante pela justiça social.

Numa perspectiva de humanização em uma pedagogia voltada para paz em que se permita uma solução não violenta dos conflitos humanos, pretendendo assim desenvolver este projeto com alunos da EJA, partindo de suas experiências e da realidade cultural em



que estão inseridos.

PLANEJAMENTO DAS AULAS

1º Encontro

Segmento: 1º ano do Ensino Médio.

Assunto: Diversidade Cultural.

Atividade: Dinâmica da teia e Cartaz com conhecimentos prévios.

Área do conhecimento: Linguagem oral e escrita.

Componente curricular: Linguagens e suas tecnologias.

Competência(s): Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais. (competência geral). Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo. (competência geral)

Habilidade(s): (EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos. (EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

Preparação do ambiente: Prover um ambiente em que os alunos consigam fazer uma roda em pé. E para o 3º momento, juntar as carteiras nos grupos apresentados.

Desenvolvimento:



1º Momento: Apresentação das integrantes do grupo, faculdade pertencente, objetivo da aula. (5 minutos)

2º Momento: Dinâmica da teia. Instruções: Formaremos uma roda em pé na qual um aluno começa com o rolo de barbante. Solicitar que este aluno fale seu nome, idade, um *hobbie*, perspectiva para o futuro e uma curiosidade sobre a vida. Após o primeiro responder, segura a ponta do barbante e repassa o rolo à outra pessoa a sua frente respondendo às mesmas questões e assim sucessivamente repetindo o procedimento até que todos respondam e formem o entrelaço de barbante. (40 minutos)

3º Momento: Lançar uma questão disparadora. “Para você o que é diversidade cultural?” Pedir para que os alunos escrevam suas respostas em um bloco autoadesivo (disponibilizado pelo professor). Realizar um mural para que todos os alunos tenham acesso as respostas. (10 minutos)

4º Momento: Levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre as terminologias “preconceito”, “racismo”, “discriminação”, “segregação”. (20 minutos)

5º Momento: Após discussão e uso do dicionário para pesquisa das nomenclaturas. Solicitar que a sala se divida em grupos de até 4 pessoas e apresentar aos demais alunos um cartaz através de frases e desenhos as descobertas obtidas. (45 minutos)

Registro: Mural com bloco de notas autoadesivo e cartaz.

Materiais: Barbante, bloco de notas autoadesivo, dicionários, cartolina, canetas hidrocor, lápis de cor.

Avaliação: Identificar os conhecimentos prévios dos alunos e observar as relações estabelecidas durante a proposta em grupo.

Referência(s): BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Utilizando a Dinâmica da Teia para Integrar Seus Colaboradores. Disponível em:

<https://www.jrmcoaching.com.br/blog/dinamica-da-teia-integrar-colaboradores/>.

Imagem 1: Dinâmica da teia

Fonte: Ágape Quebra-Gelos (2014)

Imagem 2: Mural com bloco de notas autoadesivo

Fonte: TECMUNDO (2014)



2º Encontro

Segmento: 1º ano do Ensino médio.

Assunto: Diversidade Cultural.

Atividade: Discussão em roda de conversa e carta.

Área do conhecimento: Linguagem oral e escrita.

Componente curricular: Linguagens e suas tecnologias.

Competência(s): Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

Habilidade(s): (EM13LGG102) Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade. (EM13LGG204) Dialogar e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

Preparação do ambiente: Preparar a sala com o projetor e o vídeo a ser exibido.

Desenvolvimento:

1º Momento: Apresentação do vídeo: “*Vista minha pele*” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JlvjTmQgXOA>. A apresentação terá o auxílio de um projetor. (30 minutos)

2º Momento: Discussão em roda de conversa sobre o vídeo. O que entenderam e o que acreditam. (45 minutos)

Perguntas disparadoras:

- ✓ Qual o tema central do vídeo?
- ✓ Quais outros preconceitos vocês conhecem, já passaram ou já aplicaram?
- ✓ Vocês acreditam que o vídeo possui alguma proximidade com a vida de vocês?
- ✓ Vocês já tiveram medo ou bloqueio em fazer algo por conta do preconceito?



- ✓ Vocês acreditam que a escola é um local de igualdade? Por quê?
- ✓ Vocês acreditam que todas as pessoas possuem as mesmas oportunidades? Por quê?

3º Momento: Solicitar que os alunos redijam uma carta para si mesmo. Com o tema: “Querido eu do futuro”. De forma que transmitam seus sentimentos sobre a trajetória de vida até a chegada na escola da EJA e o que esperam para o futuro. (45 minutos)

Registro: Discussão e Carta.

Materiais: Projetor, papel pautado e envelopes.

Avaliação: Observar o envolvimento dos alunos durante as discussões.

Referência(s): BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. “Vista minha pele”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JlvjTmQgXOA>.

Fotografia 1: Exibição com o auxílio de retroprojetor

Fonte: Autoria própria – Lorena Bueno (2020)

Imagem 3 – Escrita da carta

Fonte: HALF (2015)

3º Encontro

Segmento: 1º ano do Ensino Médio.

Assunto: Diversidade Cultural.

Atividade: Pesquisa sobre Diversidade Cultural.

Área do conhecimento: Linguagem oral e escrita.

Componente curricular: Linguagens e suas tecnologias.

Competência(s): Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Habilidade(s): (EM13LP12) Selecionar informações, dados e argumentos em fontes



confiáveis, impressas e digitais, e utilizá-los de forma referenciada, para que o texto a ser produzido tenha um nível de aprofundamento adequado (para além do senso comum) e contemple a sustentação das posições defendidas. (EM13LP28) Organizar situações de estudo e utilizar procedimentos e estratégias de leitura adequados aos objetivos e à natureza do conhecimento em questão.

Preparação do ambiente: Reservar/agendar a sala de informática.

Desenvolvimento:

1º Momento: Dividir a sala em quatro grupos e distribuir entre os grupos os temas das pesquisas: Variação Linguística, Culturas, Contexto Social e Tradições. A pesquisa terá apoio da sala de informática ou biblioteca.

2º Momento: Solicitar que cada grupo apresente com o auxílio de *slide* com as descobertas sobre a pesquisa. (10 minutos para cada grupo)

3º Momento: Apresentação dos *slides* com o auxílio do projetor para o restante da sala.

Registro: Apresentação com os slides.

Materiais: Computadores/Notebooks na sala de informática ou biblioteca.

Avaliação: Observação da participação durante a pesquisa e a contemplação do conteúdo através da apresentação em grupo.

Referência(s): BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

Imagem 4: Pesquisa realizada em grupo

Fonte: Educação – Brasil Escola

Fotografia 2: Biblioteca da escola Professora Mertila Larcher de Moraes

Fonte: Autoria de Aimée Emanuely (2020)

4º Encontro – Finalização

Segmento: 1º ano do Ensino Médio.

Assunto: Diversidade Cultural.

Atividade: Círculo restaurativo.

Área do conhecimento: Linguagem oral e escrita.



Componente curricular: Linguagens e suas tecnologias.

Competência(s): Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Habilidade(s): (EM13LGG302) Posicionar-se criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos em diferentes linguagens, levando em conta seus contextos de produção e de circulação. (EM13LGG303) Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões, para formular, negociar e sustentar posições, frente à análise de perspectivas distintas.

Preparação do ambiente: Tapete no chão de modo que todos os alunos consigam sentar ao redor, formando uma roda. E colocar uma música calma.

Desenvolvimento:

1º Momento: Pedir que alunos sentem em roda em volta do tapete já disposto no chão.

2º Momento: Propor um minuto de silêncio com os olhos fechados para um relaxamento físico, emocional e cognitivo.

3º Momento: Apresentar o objeto de fala, um livro. O objeto começa com o facilitador, iniciando a dinâmica.

Possíveis perguntas:

- ✓ O que te trouxe até aqui (escola da EJA)?
- ✓ Quem te inspirou/inspira durante o processo?
- ✓ Com o que você sonha agora?
- ✓ Se pudesse mudar uma coisa no mundo, o que seria?

4º Momento: A pessoa com o objeto de fala, se apresenta e compartilha suas respostas e opiniões. E passa o objeto de fala para a próxima pessoa.

5º Momento: Fechamento da dinâmica. Começando com o facilitador, falar uma palavra de apoio ao algo que almeja para a pessoa a sua direita. Até fechar a roda.

Registro: Debate durante a dinâmica.

Materiais: Instrumento de fala: Livro, tapete e caixa de som.



Avaliação: Interação durante a dinâmica.

Referência(s): BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

Imagem 5: Círculo restaurativo

Fonte: Autoria própria – Fabiana Golombieski

Imagem 6 – Processo do círculo restaurativo

Fonte: MEIRELLES; YASBEK (2014, p. 113)

REFLEXÕES FINAIS

A beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade, depende da nossa consciência, da lógica que utilizamos, de nossa visão crítica. Podemos enxergar o mundo diferentemente de acordo com nossas diferenças. O mundo está aberto a diferentes interpretações. Nos educamos quando conseguimos ver o mundo sob um novo olhar (GADOTTI, 2019, p. 24).

Levamos a convicção de que é papel do professor propiciar esse ambiente de dialogismo que exercite o diálogo entre os educandos, podendo criar pontos de vista diferentes para a mesma situação e que cada um consiga expor suas ideias e posições de acordo com suas vivências e através de suas experiências enquanto atua no mundo.

A EJA encontra-se em uma missão de abrigar os jovens e adultos marginalizados na sociedade. Enfatizando todo histórico de evasão escolar, dificuldades na aprendizagem, exclusão social. Assim nos fala Souza:

As questões da diversidade cultural se colocam especificamente no país, pelo número crescente e cada vez mais diversificado de alunos de diferentes condições sociais, diversas etnias, visível especificamente, a partir da obrigatoriedade e universalização da escola (SOUZA, 2007, p. 119).

A partir disso, sobrepõe que a humanização do saber consiga, assim, direcionar um caminho mais confiável diante dos obstáculos e preconceitos que se apresentam, na trajetória escolar de um aluno da EJA. Sendo assim, deve se estudar a diversidade cultural da EJA, assim como definir o papel da escola e do professor nos tratamentos pessoais, coletivos e culturais dos alunos sendo relevante para a compreensão do nosso



processo educacional.

Dessa forma estamos visando a EJA, receba um olhar diferenciado, não o olhar preconceituoso que marginaliza e desdenha, mas o olhar otimista, o da verdadeira inclusão social, que faça “justa” a verdadeira Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁGAPE, Quebra gelos. **Teia da importância**. 2014. Disponível em: <https://agapequebragelos.blogspot.com/2014/10/teia-da-importancia.html>. Acesso em: 13/06/2020.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Educação de jovens e adultos: um campo de diretrizes e responsabilidade pública**. In: SOARES, Leôncio (Org.). *Diálogo na educação de jovens e adultos*. São Paulo: Autêntica, 2005.

BENINCÁ, Elli. **A prática pedagógica da sala de aula: princípios e métodos de uma ação dialógica**. Caderno da Universidade de Passo Fundo. R.S.U.P.F. Terceira Tiragem, n. 4, ago./1982.

BESSA, Bráulio de. Poema: “**Diversidade**”, (2017). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J1MV7eUgMyE>. Acesso em: 11/06/2020.

BRASIL, Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Casa Civil, 1988.

_____. MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 06/06/2020.

_____. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: introdução**, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_livro_01.pdf. Acesso em: 27/04/2020.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Conselho Nacional de Educação. Brasília: MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6704-rceb004-10-1&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 05/06/2020.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais, de Pluralidade Cultural**. Brasília: MEC, 1997.



_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada. **Alfabetização, Diversidade e Inclusão**. Conselho Nacional da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, 2013.

CAVALIERI, A.; RIBEIRO, P. C. **A Estrutura e a Norma de Gerenciamento de Projetos**. In: DINSMORE, P. C.; CAVALIERI, A. M. *et. al.* Como se tornar um profissional em gerenciamento de projetos. 2. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

ESCOLA, Brasil. Trabalho em grupo. Disponível em:
<https://brasilescola.uol.com.br/educacao/trabalho-grupo.htm>. Acesso em: 04/05/2020.

FEIJÓ, Natanael. **Professores da educação básica Conhecimento prévio e problematização**. 2016. Disponível em:
<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:kYidiumXGb4J:retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/download/643/708+&cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 11/06/2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da esperança, um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **A escola dos meus sonhos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

HALF, Robert. **Como escrever uma carta de apresentação que não será ignorada**. 2015. Disponível em:
<https://www.roberthalf.com.br/blog/curriculo/como-escrever-uma-carta-de-apresentacao-que-nao-sera-ignorada>. Acesso em: 13/06/2020.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: o real o possível e o necessário**. Tradução: Ernani Rosa, Porto Alegre: Artmed, 2002.

MEIRELLES, Cristina Assumpção e YAZBEK, Vania Curi. **Justiça Restaurativa em ação**. Práticas e reflexões. São Paulo: Dash, 2014.

SILVA, Keila Mourana Marques e VASCONCELOS, Valéria Oliveira de. **As rodas de conversa como instrumento metodológico na educação de jovens e adultos**. Revista EJA em debate. Ano 8, n. 13, jan./jun./2019. Disponível em:
<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2557>. Acesso em: 04/05/2020.



SOEK, Ana Maria. **Fundamentos e metodologia da educação de jovens e adultos**. Curitiba: Fael, 2012.

SOUZA, Maria Antônia. **Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: Ibepx, 2007.

_____. **Educação de Jovens e Adultos**. 2. ed. Curitiba: Ibepex, 2011.

TECMUNDO. 3M lança o aplicativo Post-it Plus para iPhone e iPad. 2014. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/apps/63905-3m-lanca-aplicativo-post-it-plus-smartphones-tablets.htm>. Acesso em 13/06/2020.

UNESCO. Cultura de Paz. Comitê Paulista para a Década da Cultura de Paz. Um programa da Unesco 2001-2010. Disponível em: http://www.comitepaz.org.br/a_unesco_e_a_c.htm. Acesso em: 11/06/2020. Dados referente a escola Professora Mertila Larcher de Moraes. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1sYI8iV5qtrH89k0VUu2AehXIhO_XTkW8/view. Acesso em: 11/06/2020.